

---

## LER A VIDA (Para minha mãe, Nilda)

*Maria Jacintha Vargas Netto (Maja Vargas)<sup>(\*)</sup>*

Imagine uma grande lente de aumento. Abaixese para poder ver o chão de perto. No chão, através da lente de aumento, de muito perto, observe as formigas. Milhares delas. Observe o movimento frenético das formigas. Indo e vindo, Hércules de pequenas patas, com tremendo esforço elas carregam gravetos. Minúsculos gravetos para lá e para cá. Agora, elas fazem uma força de gigante e levantam uma folha de árvore caída e depois um pedacinho de papel achado no chão. As formigas mobilizam todos os esforços para mover este minúsculo pedaço de papel.

Subitamente, o pequenino fragmento, gira no ar e revela uma palavra escrita: “WORD”. Mais adiante outro pedaço de papel. Outra palavra. As formigas se agitam. Agora “WORLD”. O esforço descabido e sem sentido das formigas, magicamente transformado em texto que se entrega à leitura. Grafemas agitados, as formigas desenham sentidos com as duas palavras nas costas: “WORD” e “WORLD” (“palavra” e “mundo” em inglês). “Confundindo a palavra e o mundo em um jogo com a representação”. (ZACCAGNINI, 2008, p. 310).

Assim é o vídeo realizado em 2001 pela artista mineira Rivane Neuenschwander, em parceria com Cao Guimarães.

As imagens desenham percursos de leitura. No esforço amplificado do seu vai-e-vem, as formigas – que não sabem escrever nem ler – desfiam textos.

Textos que só se fazem no jogo com quem vê. Deste modo, o texto que só se completa no movimento das peças e no olhar de quem lê. Jogo que também só é texto na sua instabilidade. É no movimento incessante que as formigas viram letras e que as palavras viram textos entregues à leitura.

Não há, em um texto, sentidos fixos fora da dança e do jogo das letras em uma página, dos *pixels* na tela, dos signos dançarinos entre quem escreve e quem lê. Assim como não existem sentidos fixos no bailado de uma vida.

Mas, bem além da instabilidade dos grafemas, é na intimidade que o texto é jogo.

---

<sup>(\*)</sup> Professora e diretora de TV. Doutoranda em educação pelo Proped/Uerj.

---

É preciso se debruçar sobre este mundo menor. Olhá-lo de perto para fazer com que a dança das letras vire texto.

Há algo sempre muito íntimo em um texto.

O que poderia haver de contínuo e linear na intimidade da vida de alguém? As vidas são feitas de fragmentos descontínuos no tempo, espalhados no espaço. Os instantes de uma vida se alternam, se apagam e retornam com a força de arte hiper-realista.

Deste modo, o texto que se segue tenta reunir instantâneos da vida íntima da Nilda, minha mãe, desarticulados, como o são em qualquer vida.

Os fragmentos podem ser lidos em qualquer ordem, selecionados randomicamente para fazer justiça à vida. Não existe um todo a ser compreendido na leitura, pois não existe nada total em uma vida. Apenas o percurso da leitura, escolhido ao acaso, errante, pode insinuar o caminho de uma vida rica, variada, generosa.

Será preciso olhar mais de perto – operação de caça (CERTEAU, 2002, p. 259) – para enxergar o percurso aleatório e íntimo das letras.

Não são os sentidos (as palavras!) a guiar a narrativa, são os ritmos, as pausas e repetições, percursos do olhar. O bailado da leitura poderia estar um pouco mais próximo da experiência de uma vida na intimidade.

-----

Como sempre teve tendências esquerdistas, não perdeu a exposição que se organizou no Rio sobre a União Soviética. Foi a primeira vez que viu isopor. A insustentável beleza de um enorme objeto de isopor a flutuar no espaço. Massa, volume e peso em desalinho. Os infantes anos cinquenta desafiavam a lei da gravidade.

-----

Na pequenez das letras, nos traços desenhados, na imaterialidade de uma única palavra – “WORLD” – cabe o mundo todo: países, crianças, placas tectônicas, abridores de lata, as letras de todas as canções, a bomba atômica, o laço de fita, as panelas de cozido, os soluços, as cartilhas de alfabetização em hindu, todas as rezas, as mariposas e tudo mais que tem no mundo.

Um texto é assim: a mais poderosa das lentes de aumento. A perda total da noção de perspectiva.

---

Através de um texto, opera-se sempre uma mudança de escala. O jogo instável do corpo de Alice, capaz de crescer e ocupar todo o espaço ou de, num sem tempo, diminuir. Um texto é um destamanho.

-----

Foi na casa de vila do Grajaú que nasceu, cresceu, casou, virou professora, teve uma filha. A casa grande do Grajaú foi vendida, sem hesitação, pelo pai e pela mãe que enviaram o dinheiro que garantiu o sustento e os estudos no exílio. Passaram todos a morar de aluguel.

-----

Ao chegarem à menopausa, as mulheres indianas comemoram felizes com coloridas danças, agora livres de todas as urgências dos corpos jovens.

-----

Em um tempo em que só havia moléculas em uma sopa original, que combinações randômicas nas leis da seleção natural produziram essas estranhas mentes primitivas que foram capazes, pela primeira vez, de imaginar uma palavra: “– WORLD”?

Imagine a cena: manhã modorrenta, tédio, o ar tão quente que poderia ser cortado com faca (se facas existissem...): um selvagem levanta o braço peludo e – como na canção tropicalista – tira um caju. O que não importa muito, pois os cajus também não existiam ainda.

Quando o selvagem estica o braço... ZAPT! Fulminante, de repente vem a ideia: “–WORLD!”.

O selvagem se agita e se sacode: “–WORLD!”.

É o primeiro texto que a humanidade jamais produziu.

O selvagem tem certeza do seu ineditismo. E tem a solidão de todos os ineditismos. Ele sai correndo, tropeçando em tudo no caminho: “–WORLD!”.

É o primeiro texto de um homem só. Em um mundo ainda sem facas e sem cajus e sem os imperialismos da língua inglesa, a solidão de um texto imaginado já estava lá.

O selvagem, completamente nu, sujo, esmagando cajus com os pés atrapalhados, gritando: “–WORLD! Inventei o mundo! Inventei o mundo!”.

-----

---

Sem que se possa precisar a data, os óculos perdidos foram achados dentro da geladeira.

-----

Adelina foi uma das pacientes da doutora Nise da Silveira no atelier que mais tarde iria se tornar o Museu do Inconsciente. Adelina, quando começou a frequentar o atelier quase não falava. Um dia, no atelier, Adélia pintou formas abstratas em cor de rosa. Ao entregar a pintura à monitora do atelier disse baixinho: “eu queria ser flor”.

-----

A fotografia em preto e branco paralisa a cadeira de balanço de metal. Na cadeira, comportadíssimas, as duas meninas abraçadas às duas bonecas. Com letrinha de professora, a menina-etnógrafo registrou: Dezembro 1948. Eu (6 anos), Neila (3 anos), Agapito e Suzana.

-----

Cada leitura de um texto é um novo mundo. Cada texto lido tem a potência de inventar o mundo. Essa é a dinâmica de um texto: inaugurações.

Inaugurações permanentes que nunca se completam. Imediatamente iniciada a leitura, já há um novo mundo outro para ser inventado.

-----

Terceira (ou seria a quinta?) lei universal da física: a velocidade de arrumação das coisas não é proporcional à velocidade com que elas se desorganizam.

-----

Casou no interior de Minas. O ônibus que levava os convidados para a cerimônia foi detido, em uma cidadezinha vizinha, antes de chegar ao destino final. “Está todo mundo preso!”, disse o delegado. Acho que havia o consumo de substâncias ilícitas no veículo. Sempre me doeu a saudade dos sessenta que não vivi.

-----

Dafne era uma ninfa que se tornou objeto de desejo do obcecado Apolo. Deus dos deuses, Apolo, aquele George Clooney mitológico, perseguia loucamente Dafne pelas florestas e campos. Sabe se lá por que caprichos da alma feminina, Dafne não queria saber daquele guerreiro sedutor e fugia desesperadamente. Acontece que Dafne era filha da Mãe-terra e foi junto a ela que a ninfa achou de se esconder. Para proteger a filha hesitante, a Mãe-terra transformou-a em planta. Assim, juntas, as duas enganavam o poderoso Apolo.

---

Teria Dafne perdido alguma coisa?

-----

Na maternidade, era reconhecida como a primípara de óculos.

-----

“– WORLD!” O universo é uma biblioteca, escreveu Borges. O universo é o *Youtube*, escreveu o professor de literatura e blogueiro argentino Daniel Link. Novamente, está íntima relação entre as imagens e as letras. Os textos são feitos de imagens: de traços, de pingos nos is e as imagens se constroem de textos, de todos os textos que podemos narrar em nossas bibliotecas mentais.

A habilidade de construir mundos não faz distinção entre imagens e textos.

-----

O marido na clandestinidade era do PCB, o pai comunista caçado, o avô português anarquista e anticlerical foi fundador do Sindicato dos Cocheiros, Carroceiros e Classes Anexas. O que seriam exatamente as tais “classes anexas”?

-----

Que pele espetacular a da mulher de setenta anos que não usou uma gota sequer de filtro solar durante toda a vida! Fica grudento, ela diz.

-----

Nos dias de folga, organizou em casa a festa de aniversário da filha. A decoração do convescote tinha o tema escolhido de comum acordo: “Reinações de Narizinho”. Tudo a postos: doces, bolo, convidados, enfeites e a menina inconformada. “Puxa, mãe... não tem pó de Pirlimp-lim-plim?”

A situação foi contornada com a farta distribuição de gelatina em pó entre as criancinhas; as bocas tingidas de cor de rosa mastigando a doçura química.

-----

A infância do mundo, da qual falou Deleuze, essa possibilidade de invenção permanente. A infância do mundo é a invenção constante do mundo, são os textos e são as imagens. A infância do mundo são também os cheiros, formas, sabores, temperaturas. É este frescor.

-----

- 
- Um ticket de métro, s'il vous plaît!
  - Comment?
  - Um ticket de métro, s'il vous plaît!
  - Pardon, madame...
  - Um ticket de métro, s'il vous plaît!
  - Comment? Je ne vous comprends pas. Il y a la queue derrière vous...
  - Me dá logo um cacho de banana, cara!

-----

Adelina começou também a esculpir. Seu material preferido era o barro, o mais primitivo dos materiais. Fez uma série de Deusas-mãe poderosas e assustadoras. À medida que sua produção avançava as figuras em barro de Adelina passaram a ostentar um gesto de juntar as duas mãos no peito. As deusas-mãe de Adelina pareciam querer cavar o peito com aquele gesto.

-----

Atrasou-se duas horas e meia para o compromisso com o namorado no centro. O moço não sabia como dar a notícia do desaparecimento à família.

Distraída com os afazeres de professora da escola em Campo Grande, perdeu a hora e o trem.

-----

O fato é que havia assistido ao filme aos três ou quatro anos de idade, na cinemateca do MAM, onde era exibido este tipo de filme, no Rio de Janeiro, na década de setenta, tão distante de vídeos, dvds e *Youtube*. Nesta sessão primeira, uma cópia legendada, a criança analfabeta e a companhia da mãe.

-----

E mais Chaplin, Buster Keaton, Demy...

-----

Na total incapacidade de virar budista, passou a frequentar uma terapeuta que era budista. Nas longas sessões de análise, a fé de uma consolava a outra da tristeza de não precisar de fé nenhuma.

-----

---

## Sopa de Cebola

1 – faz-se um bom caldo;

2 – cortam-se as cebolas em rodela bem finas;

3 – frita-se a cebola até dourar;

4 – põe-se no fundo de uma panelinha (individual) uma fatia de mussarela e por cima a cebola;

5 – na frigideira onde se fritou a cebola, torra-se a farinha de trigo;

6 – junta-se o caldo frio para não embolar, mexendo bem até ferver;

7 – despeja-se a mistura por cima das cebolas;

8 – polvilha-se com parmesão ralado e leva-se ao forno até ferver;

9 – depois, joga-se fora.

-----

O corpo flutua livre da mais masculina das invenções da humanidade: livre do tempo.

-----

Saiu publicado na revista: “Conheço Paris como a palma da minha mão!”.

-----

Teve muitos namorados. E depois não teve mais nenhum.

Que se saiba...

-----

O amor da minha mãe pela sua própria mãe. Do barro viemos e ao barro voltaremos. Adelina, a escultora do atelier do Museu do Inconsciente já sabia disso.

-----

Vimos todas dessa longa linhagem de mulheres: eu, a mãe, a avó, a mãe da avó e todas as deusas de barro primitivas.

-----

Quantas vezes escreveu e apagou tudo que tinha escrito para escrever tudo outra vez.

---

-----

E o melhor fim de todos: “mas o diabo do tambor...”.

## REFERÊNCIAS

- ABECEDÁRIO de Gilles Deleuze. Realização: Pierre-André Boutang. Paris: Éditions Montparnasse, 1988-1989.
- ASSIS, Machado. Conto de Escola. In: *Contos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: BUP, 1963.
- BORGES, Jorge Luis. A biblioteca de Babel. In: *Ficções*. Trad.: Carlos Nejar. 4. ed. Porto Alegre; Rio de Janeiro: Globo, 1986.
- CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. Disponível em: <eBookLibris.http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/alicep.html>. Acesso em: 21 jun. 2011.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. artes de fazer. Trad.: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LINK, Daniel. *Youtube, el neolítico superior*. Disponível em: <http://linkillo.blogspot.com/>. Acesso em: 21 jun. 2011.
- RECEITA. Sopa de cebola. Caderno de receitas de família. Rio de Janeiro, 197-. [Pertenceu a Italina Cruz Alves].
- SILVEIRA, Nise. O tema mítico de Dafne. In: *Imagens do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Tipo, 1981. p. 206-251.
- VELOSO, Caetano. *Joia. Joia*. [s.l.]: Universal; Polygram Brasil, 1975. 1 Cd.
- WORD/WORLD. Realização: Rivane Neuenschwander; Cao Guimarães. [s.l.: s.n.], 2001.
- ZACCAGNINI, Carla. In: PEDROSA, Adriano; MOURA, Rodrigo. (Orgs.). *Através*: Inhotim. Brumadinho, MG: Instituto Cultural Inhotim, 2008. p. 310-312.

---

## **RESUMO**

O presente texto procura reunir "instantâneos" da vida íntima da professora Nilda Alves, minha mãe, desarticulados como o são em qualquer vida. Sua escrita parte da impossibilidade de transformar em um texto contínuo e linear a intimidade da vida de alguém, posto que as vidas se constituem de fragmentos descontínuos no tempo e espalhados no espaço.

Os fragmentos do texto podem ser lidos em qualquer ordem, selecionados randomicamente para fazer justiça à vida. Não existe um todo há ser compreendido na leitura, pois não existe nada total em uma vida. Apenas o percurso da leitura, escolhido ao acaso, errante, pode insinuar o caminho de uma vida rica, variada, generosa.

**Palavras-chave:** Leitura; Vida; Professora.

## **ABSTRACT**

This paper gathers together "snapshots" of the inner life of teacher Nilda Alves, my mother, disjointed as they are in any life. Her writing starts out from the impossibility of transforming the intimacy of someone's life into a continuous linear text, as lives consist of broken fragments scattered in time and space. The fragments of the text can be read in any order, randomly selected in order to do justice to life. There is no whole to be understood in reading, just as there is no whole to be found in life. Only the wandering route of reading, chosen at random, might suggest the path of a rich, varied and generous life.

**Keywords:** Reading; Life; Teacher.

*Recebido em: agosto de 2012*  
*Aprovado em: setembro de 2012*